

UMA CRÍTICA TEOLÓGICA DA CIDADE

Alguns aspectos práticos e teóricos

João Décio Passos*

* Livre docente em teologia; PUC-SP e ISPES.

Resumo:

A cidade não é um fenômeno humano recente, mas a mentalidade urbana que ultrapassa o espaço da cidade devido a diversas dimensões, é uma novidade. E o que a Teologia tem a ver com isto? João Décio Passos afirma que a Teologia da e na cidade deve ser profética: é um discernimento sobre a realidade e a partir do que ela é e do que ela deve ser. Algumas linhas gerais da história da cidade e de suas características contemporâneas são apresentadas e ao mesmo tempo, os grandes desafios pastorais que decorrem desta nova situação. Em resumo, a Teologia na cidade, mais que em outros campos, é uma teologia em diálogo com um mundo multifacetado.

Palavras-chaves: Teologia da cidade; Cidade: desafios pastorais; Cidade moderna

Abstract:

City is a quite old human phenomenon, but the modern urban with its different dimensions spirit that goes beyond the city border is new. Theology has something to say about? João Décio Passos says that city's Theology – or Theology in the city – should be prophetic; it should be a discernment of the reality from what the city is and to what the city should be. Some general overview of the history of the city and some of its nowadays characteristics are shown alongside with the deep pastoral challenges from this new realm. In few words Theology in the city more that in other realms is a Theology in dialogue with a manifold world.

Key words: City's theology; City: pastoral challenges; Modern city

Introdução

Uma teologia da cidade deverá não somente descrever a cidade, mas também prescrever a sua finalidade última. A

leitura de fé de uma determinada realidade busca compreendê-la no aspecto racional, assim como no aspecto valorativo. Nesse sentido, o *ser* e o *dever ser* da cidade compõem o círculo hermenêutico teológico, cuja tarefa é desvendar os mecanismos da vida cidadina/urbana que tem na metrópole seu epicentro, bem como a tarefa de apontar para cidade justa, razão de ser das ações históricas do ser humano.

A teologia é reflexão sobre a fé e a partir da fé. É racionalização da fé feita em nome de um Deus ético e de uma sociedade ética, concepções que buscam um sentido comum para as diversidades religiosas e para as expressões de sagrado selvagem, como conceitua Roger Bastide. Entendemos, portanto, a teologia como discernimento sobre as múltiplas experiências humanas que se apresentam como portadoras de significados para a vida humana, de modo especial os significados transcendentais e, muitas vezes, absolutos, mesmo que não sejam explicitamente religiosos. A teologia deverá fazer o discernimento das práticas sociais, políticas e religiosas, a começar por aquelas práticas denominadas cristãs que fazem parte do cotidiano da cultura metropolitana/urbana.

A cidade atual é o fruto maduro da civilização moderna, manifesta em sua estrutura e dinâmica de funcionamento os benefícios e as contradições dos resultados econômicos, sociais, políticos e culturais da modernidade. A teologia deverá ser um olhar crítico sobre essa realidade cada vez mais hegemônica, onipotente e onipresente. Ao mesmo tempo deverá auscultar os sinais dos tempos que ali se mostram e acolher os apelos de Deus vindos de dentro de suas próprias contradições.

A maior parte da humanidade vive hoje na cidade. Também, o modo de vida urbano se torna cada vez mais hegemônico. As cidades se conectam uma às outras em uma rede que se expande do local, ao regional cegando ao mundial. Essa conexão se faz do ponto de vista econômico e, desde então, do ponto de vista social e cultural. A pergunta pelo papel da cidade como organização com vistas ao bem comum se torna urgente e, para muitos, anacrônica e, até mesmo, inútil. A teologia da cidade perseguirá a cidadania real como valor inalienável e a justiça como meta para as cidades cada vez mais habitadas pelos indivíduos anônimos e consumistas. A vivência da fé não escapa desses processos atuais e pode reproduzi-lo como legítimo e bom, em nome do homem e em nome de Deus. A teologia se mostra capaz de discernir tanto a cidade religiosa como a cidade atéia, mas, sobretudo, aquilo que impede a vida humana de fluir em sua plenitude dentro desse contexto. Portanto, *a dimensão teológica revela-se necessária*

*para interpretar e resolver os problemas atuais da convivência humana*¹ que hoje têm sua origem e, certamente, sua solução na cidade. Com efeito, a teologia continuará repetindo que a cidade de Deus será a cidade dos homens: o lugar da construção da justiça comum, da liberdade e da igualdade.

¹ João Paulo II, *Centesimus annus*, 55.

1. O discernimento da cidade

Fazer a crítica teológica da cidade é focar-se na realidade atual do processo de socialização da humanidade. Não há outra realidade a não ser essa comandada pelas cidades em que estamos inseridos local e mundialmente. A teologia da cidade não pode partir de um modelo de cidade historicamente superado, nos moldes das comunidades tradicionais ou de uma cidade ideal, mas de um ideal de cidade possível para a convivência humana dentro das condições atuais.

Como já dissemos, a teologia faz o discernimento da realidade a partir da fé e da fé a partir da realidade. Coloca em ação um círculo hermenêutico sempre atual, em vez da repetição cronológica opera com o tempo da salvação *kairológica*. O cristianismo não somente executa esse método, na medida em que vai lendo o passado e o presente a partir da experiência atual do Cristo vivo e, como resultado, construindo uma nova identidade, mas afirma a graça atual oferecida por meio de Jesus Cristo como um fato fundante da igreja: o mesmo Espírito que ressuscitou Jesus, anima a igreja com seus carismas e a lança na direção do mundo como anunciadora da Boa Notícia (1 Cor 12-15) A crítica e a criatividade são, portanto, inerentes à leitura teológica. A palavra julga a realidade e aponta para o seu dever ser, para a sua finalidade que, na economia de salvação, já se vê realizada em Jesus Cristo. A cidade cristã é a cidade dos homens, tensionada sempre pelo *dever ser* realizado em Jesus Cristo na história. O futuro de comunhão entre as pessoas e a criação se torna a finalidade ética a ser concretizada na história, ponto de convergência que supera todas as formas de isolamento e indiferença e projeto para a cidade justa.

1.1 As cidades atuais

É necessário delimitar os termos a que se busca aplicar o ciclo hermenêutico da fé-realidade, embora sabendo que a questão da cidade é cada vez mais sistêmica, de forma que ao falarmos de *uma realidade estamos, de algum modo, falando* de todas elas. A cidade é o termo geral que designa a orga-

nização sócio-espacial que sucede à vida rural, das pequenas cidades às megalópolis. A metrópole é o grande aglomerado que se configura em uma determinada região. A megalópole é o aglomerado metropolitano que agrega várias circunscrições e que exerce a função de centro nacional ou mesmo mundial. O urbano é o modo de vida que é produzido pela cidade, em nossos dias, produzido pelas megalópoles e metrópoles e se expande a partir desses centros como cultura cada vez mais comum.

Em termos geopolíticos, podemos detectar tendências diferenciadas nesse processo de urbanização: processos de aceleração de crescimento dos grandes e médios centros, de maior ou menor veiculação dos costumes urbanos dos grandes para os pequenos centros, de desaceleração do crescimento das megalópolis em função das metrópoles regionais. No entanto algumas tendências se tornam hegemônicas: a maioria da população mundial vivendo nas cidades, o crescimento dos grandes centros urbanos nacionais ou regionais, a consolidação das megalópoles mundiais (*global city*), a conexão das cidades a partir dessas cidades mundiais e, por fim, a consolidação de um modo de vida urbano.

A sociedade planetarizada é, portanto, uma sociedade urbanizada. Estamos conectados em uma rede social que nos liga indelevelmente e de forma cada vez mais eficiente, graças a uma revolução tecnológica em curso contínuo de aperfeiçoamento, mas cujos efeitos demonstram mudanças radicais no nosso modo de vida.² Talvez já pudéssemos falar em uma cidade mundial, em uma tecnópolis que nos permite ser, ao mesmo tempo, reais e virtuais, territoriais e desterritorializados, próximos e distantes, anônimos e públicos. A partir das cidades globais, as demais cidades se articulam do ponto de vista econômico, social e cultural. Já não há possibilidade de sobrevivência real de comunidades locais. A partir das cidades mundiais o capital financeiro decide o destino do planeta, movendo a máquina do lucro, a produção industrial e, por conseguinte as demais dimensões da vida humana.

Por conseguinte, somos cada vez mais iguais no nosso modo de produzir e significar a vida, ou, em termos inversos, no nosso modo de consumir o que é produzido e de acolher o que é significado como valor comum. Não se trata, portanto, apenas de uma conexão macroeconômica, mas de uma conexão que liga cada indivíduo ao sistema maior. Passamos diretamente do *modus operandi* econômico para um *modus vivendi* cultural, na medida em que o mercado financeiro se

² CASTELLS, M. A. *sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

conecta diretamente à cultura de consumo. Permanece entre as duas mediações o vácuo político, aquele reservado á cidade desde os tempos antigos e que chama os indivíduos para o exercício livre da cidadania e a construção a organização justa. Os espaços de participação cidadã se tornam cada vez mais formais e virtuais. A grande mídia parece ocupar cada vez mais o espaço do cidadão como sujeito participante do destino da cidade. A pergunta pela cidadania, ainda que repetida em nossos dias, parece soar como palavras ao vento. Quem efetivamente vai garantir o exercício da cidadania? Qual será seu espaço de educação e participação? O que resta a cidade espacial? A modernidade nascente que pretendia fazer emergir o sujeito, foi sucedida por uma outra centrada no indivíduo, observa Alain Touraine.³ A teologia da cidade depara-se com esse estrangulamento político radical de nosso tempo.

1.2 A cidade na história

A cidade faz parte da história humana e constitui o seu último produto, na forma das megalópoles, profundamente eficientes e contraditórias. Se a metrópole não for o final da história humana, será necessariamente o momento da inflexão para a convivência mundial pacífica e justa. O sociólogo Lewis Mumford há meio século já traçava um percurso pouco otimista para a urbanização que, salva de sua linearidade histórica, expressa o desenvolvimento real das cidades: eópoli (aldeia), Polis (primeiras cidades), Metrópolis (grandes concentrações), Megalópolis (metrópoles modernas), Tiránópolis (hegemonia do espaço urbano sobre os demais) e Necrópolis (caos final).⁴

De fato, o tempo da modernização das cidades sob as regras do capital industrial foi gerando gradativamente, uma civilização do bem-estar e do mal-estar. A cidade moderna foi o lugar das contradições humanas e se tornou palco de lutas e de utopias sociais e políticas, particularmente na segunda metade do século XIX. A crítica socialista expunha a lógica da exploração do trabalho pelo capital e denunciava as atrocidades desse modo de produção e prometia uma outra sociedade, estruturada sobre o equilíbrio entre individualidade e coletividade. A burguesia, por sua vez, continuava prometendo igualdade e fraternidade, por um equilíbrio econômico ainda por vir, centrado na idéia de *interesse individual (liberalismo econômico) e auxiliado* por uma ciência do social (positivismo). A utopia da cidade

³ Cf. A. TOURAINE, *Poderemos viver juntos, iguais e diferentes?* Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 68-111.

⁴ Cf. L. MUMFORD, *A cultura das cidades*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1969, pp. 301-409.

justa, lugar da liberdade e da igualdade, gestada na aurora da modernidade, permanecia no horizonte do poder instituído e dos movimentos sociais. O ocidente e, gradativamente o oriente, entraram no século XX com essa utopia acessa, enquanto a cidade econômica crescia geometricamente em todos os cantos do planeta. As metrópoles significaram o resultado implacável do poder econômico que aglomerou no mesmo espaço os donos das riquezas, os pobres e os miseráveis; elas configuraram situações de extrema contradição resultada não somente de uma coabitação de classes sociais que ocupam diferenciadamente o mesmo espaço, com seus diferentes poderes aquisitivos, mas também de um espaço que se torna mercadoria e passa a ser esquadrihado pelo valor imobiliário.

A hipermodernidade que hoje vivenciamos em nível mundial, fruto maduro do matrimônio indissolúvel entre o capital e a tecnologia, opera como sistema virtual e onipresente e sustenta-se sobre a microeconomia do consumo individualizado. Sua base de operação são as megalópoles que conectadas entre si comandam o planeta a partir do mercado financeiro. São as chamadas cidades mundiais que abrigam os centros decisórios do capitalismo mundializado, as redes de comunicação e a geração e expansão da cultura de consumo. Elas constituem centros da onipotência do capital, da onisciência da informação e da onipresença do consumo que de expandem de suas posições epicentrais para as grandes cidades, para os centros médios, para as pequenas cidades e para as áreas rurais. Nessa dinâmica, o urbano se torna um modo de vida cada vez mais comum, com suas promessas de bem-estar.

No entanto, as metrópoles expõem a força do dinheiro, apesar das utopias sociais, a mercantilização para além dos direitos sociais, o isolamento sem cidadania, as massas que absorvem os sujeitos. Se essa realidade tem um significado diferenciado realíssimo para as classes ricas e pobres, apresenta, contudo em nossos dias uma dinâmica cultural cada vez mais hegemônica que nivela nos mesmos desejos e nas mesmas utopias hiperindividualizadas os diferentes consumidores. A cultura de consumo é o último resultado do capitalismo mundializado e individualizado, de uma produção internacionalizada, desterritorializada e onipresente que se encaixa de modo dinâmico com os desejos e as necessidades individuais. Cada indivíduo consome (come, usa, pensa e ama) matérias e formas mundializadas ao adquirir um determinado produto. Também,

cada indivíduo deseja para si aquilo que se mostra como objeto de desejo de todos e busca realizar-se como cidadão na medida em que pode adquirir o que lhe promete status e felicidade.

1.3 O discernimento teológico

O discernimento teológico da cidade pode correr um duplo risco. O primeiro o do acolhimento eufórico de suas fabulosas conquistas tecnológicas e da reprodução de sua cultura de bem estar, individualista e hedonista. O segundo risco, o da rejeição da cidade, seja por sua condição histórica a ser superada pela cidade celeste, seja por suas contradições a serem superadas por um outro modelo econômico, social e político. A afirmação da cidade justa significará superação das contradições da cidade real, sem negar seu valor intrínseco como organização necessária à convivência humana; significará também ler em suas estruturas e dinâmicas concretas aquilo que for justo e bom. O ideal da cidade justa não constitui uma cidade ideal contraposta à cidade real, mas uma meta utópica que atrai como reserva permanente de sentido todos os projetos históricos. Nesse sentido, a esperança cristã realizada em Jesus Cristo posiciona-se como horizonte para o qual a comunidade humana se encaminha na busca da comunhão perfeita, ainda que saiba da impossibilidade de sua realização perfeita. Em outros termos, o Reino de Deus embora não coincida com as ordens históricas, é a meta e a referência permanente para todas as construções humanas. É na tensão permanente entre concretização e o déficit em relação aos valores do Reino de Deus que a cidade revela aos olhos da fé, seus limites e suas realizações e projeta suas metas.

Discernir a cidade a partir desse horizonte de fé significa, portanto, crítica de sua condição atual, afirmação de suas realizações e projeção de seus ideais. O Concílio Vaticano II entende que se afasta da verdade quem separa a cidade futura da cidade atual, priorizando uma das duas (*Gaudium et spes* 43). Portanto, a crítica teológica da cidade será, ao mesmo tempo, leitura crítica de sua estrutura e funcionamento, o que faz com o auxílio das ciências que se ocupem da questão, e proposição ética dos seus valores fundantes, o que faz dialogando com as proposições de uma ética humana e civil. O trabalho teológico articula concretamente elementos que acolhe da fé e que recolhe da razão, seja no momento da crítica, seja no momento da proposição.

2. A teologia como logos de Deus sobre a cidade

A teologia se relacionará com a cidade de modo consciente ou não. Certamente a relação consciente a caracteriza como reflexão da fé e a partir da fé, de forma que a cidade com suas necessidades e ofertas reais deve ser seu objeto de reflexão nos dias de hoje, como foi no passado. Porém, mais do que no passado a consciência da realidade, mediada pelas ciências do homem e da sociedade, permite à reflexão da fé aproximar-se e apropriar-se da cidade de forma mais regrada, sabendo de seus mecanismos, de suas tendências e valores. A cidade instaura a ordem e o caos no mesmo tempo e espaço; ela é auto-reflexiva e autofágica, é tecnológica e precária, boa e má, bela e feia. As regras sistêmicas de seu funcionamento instauram uma mecânica de vida em que os seus cidadãos já não são capazes de discernir o nexos entre a causa e o efeito de suas ofertas boas e ruins, mas, na prática, já não precisam discernir esses e outros mecanismos e localizar seus responsáveis, tendo em vista a racionalidade do bem-estar imediato que basta para o bem viver, outros, ainda, sequer buscam entender o que se passa por falta condições ou instrumentos de discernimentos críticos, ficando reféns das informações que circulam a toda velocidade.

Falar de Deus nessa realidade é, antes de tudo, falar dela mesma, mostrar suas contingências e contradições. O discurso de Deus na cidade deve revelar o homem urbano, despertá-lo para a consciência de si mesmo dentro desse mundo de que é cada vez mais indivíduo e menos sujeito. A teologia poderá contribuir com o discernimento da cidade, buscando evidentemente a cidade mais humana. Para tanto é preciso acordar o humano adormecido no seio do mercado da felicidade. Uma teologia do tempo real se torna hoje o grande desafio perante a sociedade da informação instantânea e precisa, mas também da informação excessiva e fragmentada. As conexões mundiais, nacionais e locais que ligam indivíduo e globalidade passam pela cidade; é da cidade produtora de produtos, de necessidades e desejos que advém e circulam produtos materiais e simbólicos, tecnologias da informação e decisões mundiais dos intestinos do mercado financeiro.

A civilização planetarizada e urbana subsiste nesse lócus e dentro dele busca sua felicidade por meio de aquisições imediatas e renováveis. A teologia fará o discernimento dessa realidade e dialogará com esse interlocutor ou não terá o que fazer a não ser repetir padrões do passado, alheia aos clamores presentes. Há muitos aspectos da lógica da cidade

que poderíamos discernir, tais como as idolatrias microeconômicas do consumo hiperindividualizado, a prepotência da tecnologia ou o relativismo dos valores.⁵ Focaremos em três pontos que julgamos cruciais e que desafiam diretamente a vida de fé de cada fiel na sua vida diária: a cidade satisfeita, a cidade confiante e a cidade indiferente.

2.1 *Discernimento dos desejos na cidade satisfeita*

A cultura de consumo que se torna cada vez mais hegemônica tem na cidade sua fonte e epicentro; se expande das cidades mundiais às metrópoles regionais, dessas aos centros médios, atingindo as pequenas cidades e o próprio campo. Se, no passado a cidade era o lugar da indústria dos produtos, hoje ela é indústria do consumo. A produção visa satisfazer não somente às necessidades com os gêneros básicos de sobrevivência, mas estimular o indivíduo consumidor, fazer desejar e fazer consumir. As tecnologias se colocam a serviço da produção, criando produtos cada vez mais sofisticados, individualizados e eficientes. Consumir torna-se cada vez mais um modo de vida e integra o indivíduo ao mercado, não por decisões livres de cunho político e ideológico, mas por ofertas que oferecem bem-estar de todas as ordens na esfera do cotidiano. O mercado já não é somente uma estrutura macro, mas um sistema que encaixa o macro com o micro, ou seja, a produção mundializada e os consumidores individuais: está dentro de cada indivíduo na forma de bens materiais e simbólicos que são oferecidos incessantemente como promessa de maior bem-estar.

Esse encaixe liga em um mesmo ciclo de movimento incessante a lógica econômica da *produção-oferta-consumo...* com a psicologia humana do *desejo-satisfação-insatisfação...* O resultado é a prisão virtuosa-viciosa *desejo-consumo-insatisfação-oferta-desejo-consumo...* A efemeridade dos produtos sempre caducáveis e renováveis responde à efemeridade dos desejos humanos e vice versa. O efêmero funciona como sedução, como consumo emocional que se mostra sempre renovado e sempre mais belo e eficiente. Sua linguagem é essencialmente estética, visa atrair o desejo para consumir os produtos. Para o desejo basta parecer. Parecer é ser.⁶

A metrópole produz, sustenta e expande a cultura de consumo que promete felicidade aos consumidores. Na cidade satisfeita, já não há nem lugar e nem necessidade de utopias que clamem por direitos individuais e coletivos, ou seja, que reivindiquem necessidades porque os desejos são satisfeitos

⁵ Cf. J. B. LIBANIO, *As lógicas da cidade; impactos sobre a fé e sob o impacto da fé.* São Paulo: Loyola, 2001, passim.

⁶ Cf. G. LIPOVETSKY, *A felicidade paradoxal. O crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos.* Barueri: Manole, 2005, pp. 98-148.

no ato de consumir. As classes ricas se sentem incluídas efetivamente no ciclo das facilidades instantâneas. Os pobres buscam alcançar os mesmos direitos de satisfação, consumindo as marcas falsas, os produtos piratas ou mesmo pela via do furto. Na cultura do consumo, todos são cidadãos e se sentem felizes. Já não há mais cidade ser buscada, a felicidade suprema é oferecida em cada novo produto numa embriaguês lenta e incessante.

A teologia deverá contribuir com o discernimento da satisfação-consumo como realização da liberdade e da igualdade dos cidadãos. O difícil desvelamento desse mecanismo exige a superação da reprodução desse ciclo no âmbito das práticas religiosas centradas na satisfação-consumo. As diversas formas de individualismo religioso que oferece pela via do emocional a experiência de maior satisfação sem compromisso comunitário e social, negam as exigências éticas inerentes ao evangelho de Jesus Cristo.

O discernimento do próprio desejo como caminho de busca ilimitada parece estar no centro da experiência religiosa de um modo geral, não como posse extática (estética) do sobrenatural, mas como posse controlada que baliza as posições e relações ente finitude e infinitude, entre Criador e criatura. Mostrar as reais necessidades e relativizar os desejos parecem ser o caminho ético e político inevitável a ser trilhado pela fé cristã nos tempos atuais, porém sem reeditar padrões de convivência, centrados no estrito dever e na negação do prazer. No fundo contraditório do indivíduo consumista-hedonista habita o eu satisfeito-insatisfeito de onde se pode resgatar o sentido da felicidade autêntica que concilia necessariamente limite e potência, contingência e realização, desejo e dever, condições inerentes à condição criatural que remete toda individualidade a construção de relações para além de si mesma, com o mundo, com o semelhante e com o Criador.

2.3 Discernimento da crença na cidade confiante

A cidade é um sistema de objetos e de sujeitos que funciona com eficiência. Sua razão de ser é, de fato, funcionar para que possa oferecer os bens que os seus membros procuram. A cultura de consumo instaura uma ordem que inclui de modo desigual todos os cidadãos, na medida em que a finalidade do bem estar individual se torna a máxima da vida e a máxima do mercado. Se, do ponto de vista do poder aquisiti-

vo real, esse sistema é falido, do ponto de vista da ofertas de satisfação é excessivo, sedutor e providente. Mas, a eficiência das cidades adquire sua máxima expressão com as modernas tecnologias que refazem suas infra-estruturas, seus serviços e suas relações. O domínio tecnológico do espaço e do tempo recria essas categorias fundamentais em suas dimensões ontológica, epistemológica e social. Os objetos e os serviços se desterritorializam por meio das redes internacionais, o conceito de tempo real recoloca as condições de informação e de aquisição de conhecimento, as relações humanas se tornam anônimas. As tecnologias vão recriando o sistema das cidades tornando-as onipresentes e onipotentes na vida de seus habitantes e de habitantes externos, na forma do mais abstrato e complexo, do mais ágil e eficiente. Os cidadãos participam desse sistema em diferentes posições de interesses e poderes, porém situados em posição pontual no grande sistema, quando não passivo e alienado em sua dinâmica e benefícios.

O sistema das cidades realiza o que explica o sociólogo Anthony Giddens: um sistema abstrato e organizado a partir de peritos.⁷ As sociedades modernas se edificam sobre uma confiança, na medida em que as relações causa-efeito se tornam distantes dos usuários e, muitas vezes, inacessíveis, devido à própria abstração do sistema. Viver na cidade é ser um usuário crente de seu funcionamento regular e eficiente. Acreditamos nos resultados das tecnologias sem conhecermos sua mecânica, acreditamos na autenticidade dos profissionais sem sabermos de suas reais competências, usamos todos os serviços como se fossem saudáveis, seguros e bons. Sem a confiança seria impossível viver na sociedade e utilizar seus serviços e, ao mesmo tempo, prestar serviços a ela.

O mágico e o pragmático regem as posturas das pessoas no sistema das cidades. As tecnologias evoluem rapidamente e se tornam cada vez mais eficientes e espetaculares. Pelo consumo usamos seus resultados de maneira sempre mais individualizada. Já não há mais necessidade de duvidar e nem de esperar pelo futuro bom ou ruim. Basta confiar e viver o hoje de forma mais plena possível.

Dentro desse sistema, a teologia pode contribuir com o cultivo da dúvida e da esperança. A dúvida sobre a eficiência humana da tecnologia, sobre seus resultados em termos de felicidade e de sustentabilidade para as gerações futuras, constitui, certamente, um caminho de conscientização a ser construído. Cresce em nossos dias a consciência dos limites ecológicos do modelo civilizacional em que vivemos, embora

⁷ Cf. A. GIDDENS, *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991, pp. 83-113.

ainda estejamos inseridos em nossas práticas individualizadas dentro da dinâmica que produz a própria falência. A fé profética ensina a duvidar da eficiência definitiva das configurações históricas, educa para a relativização do poder e anuncia um futuro de felicidade que transcende o imediato. *A esperança cristã encontra-se*, certamente, perante o desafio de resgatar de seu núcleo escatológico elementos que apontem para os limites da história, para as promessas ilusórias da cidade eficiente. A presença solidária nas situações-limites da cidade pode ser um caminho viável, não para oferecer falsas soluções para os pobres e sofredores, seja por rituais mágicos, seja por promessas políticas, mas como oportunidade de apontar para o sentido da existência pessoal e social, de revelar o ser humano.

A confiança no sistema hipermoderno tende a aumentar, na medida em que as tecnologias avançam em suas eficiências e proporcionam bem-estar. A renovação incessante dos produtos tecnológicos renova continuamente a confiança. A ilusão da plenitude humana realizada no cotidiano captura as práticas religiosas como reforço e certificação e dispensa todas as reservas escatológicas. Já não há o que buscar fora dessa esperança varejista. A fé em seu sentido preciso aponta para a grande esperança que rompe com as clausuras históricas. A teologia da esperança terá apelo se estiver vinculada à teologia da crise, horizonte de onde se pode anunciar algo de novo para além do bem estar. A necrópole anunciada por Lewis Mumford deve ser o lócus de onde a fé alavanca seu discurso e aponta para os limites da crença na eficiência das máquinas e do consumo. A necrópole tem suas evidências na pobreza, nas doenças, na crise ecológica, nos narcóticos, na violência e em outros males que habitam a metrópole. Esses limites se mostram em espacialidades e temporalidades concretas dentro da cidade; temporalidades e espacialidades que não coincidem com aquelas cristalizadas na cultura católica, do domingo e do templo, e solicitam novas formas de presença dentro da cidade, para além das regras e da cultura eclesialmente instituídas.

Ao pensar a civilização tecnológica, o filósofo Hans Jonas propunha uma ética da responsabilidade, pautada na consciência da crise do futuro. O medo do futuro, segundo o pensador judeu, teria uma função heurística para a construção da vida ética atual.⁸ Não se trata, certamente, de resgatar a teologia da desgraça e do medo que predominou em outras épocas, mas de uma teologia que consiga romper com as ilusões, que fale a partir do mal estar metropolitano e não

⁸ Cf. H. JONAS, *O princípio de responsabilidade*. Ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica. Rio de Janeiro: PUC/Centropono, 2006, pp. 70-75.

reproduza suas ilusões de bem estar ilimitado e de realização humana plena. O tempo e o espaço em que se manifestam os limites da vida metropolitana não são nem hegemônicos e nem sempre visíveis ao cidadão comum, a não ser quando se tornam tragédias televisivas, banalizadas como mais um espetáculo da rotina da cidade.

A inserção pastoral nesses ambientes e a revelação de suas existências por parte do discurso da fé têm um sentido modesto: o de falar a partir de minorias e de realidades inúteis ao sistema satisfeito. Exige a consciência de que a cidade não pode não ser cristã, ainda que confesse com tal. A pretensão de evangelização do sistema da cidade como um todo, além de ser um sonho ultrapassado de cristandade, constitui uma abstração enganadora. É de dentro de suas rachaduras a fé poderá apontar para o autenticamente humano, convicta de que a cidade será mais cristã se for mais humana.

2.3 *Discernimento do outro na cidade indiferente*

A cidade satisfeita e segura do funcionamento de si mesma, como sistema tecnologicamente eficiente instaura a indiferença como sua regra de funcionamento. Para além do indivíduo feliz, não se necessita de valores. O outro se torna um excluído do regime do consumo-felicidade que, por exigir ruptura do ciclo *desejo-consumo-satisfação...*, se mostra desnecessário ao bem-estar individual. A indiferença está, desse modo, incluída na cultura de consumo não somente como um anti-valor do sujeito consumidor que, do ponto de vista moral, pode ser denominada egoísmo, mas como um comportamento inerente ao próprio regime de vida que busca individualmente a máxima felicidade com o menor esforço. Ser indiferente em relação ao outro se torna atitude natural, uma vez que o sistema funciona regularmente oferecendo a cada indivíduo produtos cada vez mais individualizados. Trata-se de uma indiferença muitas vezes reforçada pela busca da paz interior, através de espiritualidades introspectivas ou mesmo de gestos solidários que ajudam a consciência mergulhar na paz. A literatura de auto-ajuda, as buscas religiosas extáticas e as terapias alternativas respondem pelo princípio do prazer individual e cria uma *ética indolor* distante e isenta do dever, como constata Lipovetsky.⁹

A dúvida em relação à eficiência do sistema moderno é o caminho negativo que pode levar a descrença em relação à satisfação imediata, à inclusão falsa e perversa no sistema

⁹ Cf. G. LIPOVETSKI, *A sociedade pós-moralista*, ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 25-125.

de consumo e à consciência do risco do futuro. A busca de um futuro viável poderá contribuir com a busca do presente viável, para além de todos os imediatismos fáceis, eficientes e hedônicos. A construção do presente certamente deverá ir além do individualismo e encontrar o outro dentro da cidade indiferente.

A teologia da cidade será, então, uma teologia profética que aponta para os buracos e para as ausências, que explicita as ilusões e os riscos do futuro. Revelar o outro com suas reais carências, para além das ilusões do bem-estar, como excluídos da igualdade real, é uma tarefa que exigirá persistência profética, anunciar para quem não quer ouvir, apontar na direção oposta das práticas comuns. A injustiça rotinizada na dinâmica da grande cidade adquire disfarces que a ocultam sob as mesmas regras estéticas do consumo ou, então, instaura a normalidade dos que carecem das condições mínimas de vida. A grande mídia transforma em espetáculos as tragédias urbanas que envolvem os conflitos entre pobres e ricos e entre os pobres e os pobres e banalizam o bem e o mal, em nome da informação factual e isenta de juízos de valor. As contradições sociais transmitidas em tempo real tornam-se normais, ridículas e atemorizadoras, responsabilidades únicas do poder público que não dá conta de realizar sua promessa de bem estar.

A indiferença é o maior mal de nossos tempos, dizia a santa de Calcutá. O ocultamento do outro esconde o próximo e, sobretudo, os desvalidos para o funcionamento do regime do bem-estar. A indiferença sistêmica constitui a mais grave anti-cristianismo por ocultar os desvalidos e, por conseguinte, ocultar Jesus Cristo presente neles. A sentença escatológica, a *mim o fizeste*, encenada por Mateus (25,31), pauta a vida cristã na cidade indiferente como imperativo categórico para todas as práticas cristãs. O ocultamento do pobre, dentro do regime de bem-estar da metrópole, com sua dinâmica de satisfação democrática e de cidadania consumista constitui a retirada real do cristianismo do espaço público, sob os olhos distraídos das ortodoxias da fé pura e das hierarquias preocupadas com a presença política de suas igrejas na sociedade.

Considerações finais

A cidade é o modo de vida da humanidade atual e, certamente, da humanidade do futuro; por ela passará nossa sobrevivência ou nossa sucumbência. Penar e planejar a vida na cidade e a partir da cidade é tarefa de todos, independente

de credo e de ideologias. A teologia atual será feita, portanto, necessariamente em sintonia com essa realidade. Ainda que se ocupando de objetos particulares esses estarão vinculados à vida urbana, ao homem urbano. A crítica teológica da cidade continua afirmando o ideal humano da cidade justa, para além de todas as configurações presentes, particularmente daquelas que negam esse ideal com promessas e com mecanismos de ocultamento do autenticamente justo. Nesse ponto, pode encontrar com os ideais da modernidade que viu na cidade o lugar de realização da liberdade e da igualdade, bem como com ideais que fazem revisões da modernidade em nome da vida planetária de hoje e de amanhã:

a) A teologia da cidade é um discernimento sobre a realidade a partir do que ela *é* e do que ele *deve ser*; afirma valores que apontam para a realização do ser humano como liberdade e igualdade radical, como dignidade assumida por Deus. O *logos* de Deus sobre a cidade é um *logos* político, que busca a finalidade da vida humana, emblematicamente concentrada no mesmo tempo e no mesmo espaço. Nessa condição, o ser humano mostra necessariamente suas diferenças e sua natureza comum, desnuda os conflitos e aponta para a finalidade da vida. Assim como no passado, a cidade pode esconder interesses particulares que se sobrepõem ao bem comum. A racionalidade tecnológico-consumista tende a criar a ilusão da igualdade e da finalidade realizada no aqui e no agora. A cidade necessita de *logoi* valorativos que apontem para a sua finalidade, para além de todos os interesses e práticas isoladas que neguem a máxima da vida comum. A teologia da cidade é desvendamento das ilusões e indicação do sentido último e imediato da vida humana, essencialmente comum, e historicamente feita urbana.

b) Portanto, a racionalidade teológica afirma-se como discernimento da vida metropolitana, como racionalização necessária perante os mecanismos mágicos que rotinizam fatos e ocultam as causas, amparados pela crença no funcionamento do sistema moderno e pelo bem-estar do desejo satisfeito pelo consumo. A razão teológica é crítica dessa realidade em busca do ser humano que nela deve ser o valor supremo. A teologia da cidade será sempre crítica e utópica, por repetir que a cidade constitui uma ordem destinada unicamente ao bem comum. Em diálogo com as ciências sociais, terá condições de apontar para os mecanismos que produzem e reproduzem todas as formas de negação ou

ocultamente dessa finalidade precípua. A interlocução com o homem metropolitano/urbano é uma tarefa teórica e prática que exige auscultar seus clamores, para além ou para aquém das satisfações realizadas e das necessidades irrealizadas. Será preciso descobrir de novo quem é o homem metropolitano, seus anseios, seus limites e suas possibilidades que já não são mais aqueles do homem neolítico. O homem estará para além do individualismo e da massa anônima que hoje o reduzem a um hiperindivíduo, centrado em suas satisfações.

c) Contudo, a teologia se torna ideológica quando reproduz a cultura hegemônica, o pensamento hegemônico ou o sentimento hegemônico que fecha a história em ciclos sem saída. E não se trata apenas de um equívoco político, por participar dos mecanismos de ocultamento da realidade, mas de um equívoco teológico por reduzir o *logos de Deus* de que é portadora por ofício a esquemas imanescentes que prendem o ser humano, ocultando sua verdadeira essência. A teologia tem um papel de plantar no ser humano a busca da verdade, sem tréguas e sem finalizações. A leitura teológica da história conduz os ouvintes da Palavra à dúvida e à esperança no futuro melhor. A partir do futuro, a teologia questiona o presente e expõe suas contradições. Abrir a história e o ser humano para a busca da plenitude implica romper com as autossuficiências presentes que fecham o ser humano em si mesmo, a história em si mesma, a vida em si mesma. A teologia da cidade e para a cidade lidará necessariamente com a contradição, sob pena de projetar uma cidade ideal sobre a cidade real, mesmo que em nome da cidade celeste que há de vir como desfecho final das contradições históricas. Uma teologia da esperança anuncia um ponto de chegada que revela o sentido do percurso histórico: a comunhão de todos os filhos de Deus.

d) Portanto, a teologia da cidade é crítica da cidade. Desvela os mecanismos que mantêm a injustiça. A cidade nasceu como lugar da liberdade e de realização da justiça. Sem a justiça a cidade perde sua finalidade que é o bem comum, finalidade que fundamenta todo ordenamento legal, os poderes e as políticas públicas. A cidade mais cristã é necessariamente a cidade justa e não a cidade mais religiosa ou mais satisfeita material e espiritualmente. Mais perversa que a injustiça institucionalizada que tem nome e endereço, é a injustiça rotinizada que vai sendo internalizada como normal ou como inevitável pelo cidadão atual e se esconde

dos olhos e das consciências. E as causas da injustiça rotinizada se ocultam sob os mecanismos do sistema abstrato do capital mundial. Mesmo sendo um mal real, se mostra sem autoria e se torna supra-legal por carecer de matéria e de autoria evidentes. A teologia da cidade é a teologia da justiça que mostra as injustiças nela presentes e desvela seus mecanismos, quando a maioria satisfeita já não enxerga e sequer localiza suas causas como num ato mágico de efeito sem causa. A teologia conhece a causa e a finalidade do ser humano e pode desde essa cosmovisão apontar para tudo aquilo que oculta o humano na cidade atual. As práticas religiosas que ocultam o ser humano, escondem Deus, são antiteológicas, atéias. A cidade só pode ser o lugar da transitividade do eu para o outro, caminho por onde veicula a humanização e a espiritualização do ser humano; caminho único por onde transita Deus.

e) Contudo, a teologia da cidade será conscientemente inculturada. Fará o discernimento da cultura urbana. A fé inculturada não pode nem negar a cultura urbana como perversa em si mesma e nem de reproduzi-la em nome do anúncio eficiente e da conquista de fiéis. A inculturação é um ato de diálogo em dupla mão: promoção da audição e do anúncio com os sujeitos reais. Será necessário superar os discursos abstratos de inculturação que ignoram os sujeitos concretos e os processos reais da vida metropolitana. Os sujeitos se encontram dentro de um sistema maior que deverá ser não somente compreendido, mas também perfurado pela fé com suas dúvidas e promessas. Do contrário a evangelização será, como já dizia o Papa Paulo VI um *verniz superficial*¹⁰ agora aplicado sobre o sistema autorreferenciado e autossuficiente que usa o religioso como um de seus assessórios ou como uma muleta ideológica. Para anunciarmos as ilusões do sistema metropolitano é preciso renunciar às ilusões da evangelização indolor que enfileira as dinâmicas predominantes do consumo e do bem estar que reafirma a busca individualista do eu satisfeito. A cultura cristã é a cultura do outro e fora dela não há salvação.

f) Com efeito, a teologia da cidade deverá encontrar na cidade afinidades eletivas com os valores cristãos. A cidade atual resulta de uma história de lutas por liberdade e igualdade desde as suas origens no século XIII. Nela há lugar para afirmar a centralidade do ser humano contra

¹⁰ Cf. *Evangelii Nuntiandi*, n° 20.

todas as formas de ocultamento e de negação de seus direitos. A busca da cidadania plena permanece o ponto de convergência entre as lutas políticas modernas e as causas fundamentais do cristianismo. A autonomia é um valor e um caminho a ser trilhado por todos na grande cidade, um antídoto da anomia e do anonimato que tem prevalecido como exercício do individualismo hedonista. A pluralidade é, por sua vez, um meio de realização da liberdade e do amor que inclui em seu exercício efetivo todos os semelhantes, para além dos comunitarismos sectários que exclui o outro. O humano como valor fundamental pode elevar-se aos olhos da fé como *a priori* e *a posteriori* de toda pluralidade, como outro que por si mesmo se mostra como apelo ao relacionamento, sem os vínculos tradicionais do parentesco, da vizinhança e da própria nacionalidade. O diálogo com as diferenças será o meio único para se chegar à cidade justa e fraterna, casa comum de todos os filhos de Deus, antes de se colocar qualquer diferença biológica, cultural, política ou religiosa. O caminho do diálogo se torna, portanto, inevitável para a teologia da cidade, por onde tecerá trocas críticas e criativas com as tecnociências, com as religiões e com as utopias que avançam para além do imediato.

g) Por fim, a crítica, a sintonia e a interlocução com a cidade será feita a partir da esperança no futuro da humanidade tomada em seu aspecto universal, não somente como grandeza filosófica (natureza comum de todos) e teológica (igualdade dos filhos de Deus), mas também geopolítica (as condições de vida globalizada) e ecológica (o destino radicalmente comum de todos os seres vivos). O futuro que pode ser anunciado é o futuro comum, fora dele não haverá sobrevivência. As cidades já entraram em um mecanismo de funcionamento mundializado, nos aspectos econômicos, social e cultural. Pensar a cidade do futuro como grande esperança e como urgência política constitui a grande tarefa da teologia, tanto nos aspectos teóricos (fazer em nome de Deus a recolocação de parâmetros para a convivência global, ao mesmo tempo comum e plural) quanto práticos (contribuir com o estabelecimento de critérios e meios para a convivência da cidade futura). A teologia da cidade será, portanto, uma teologia ecológica, capaz de incluir em sua crítica e em sua proposição todas as diversidades unidas no único valor fundamental que é a vida.